



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

MEMÓRIA PARA ALÉM DO TRAUMÁTICO: A experiência do Centro de Memória das Lutas Populares Ana Dias¹

Pablo Pamplona – Universidade de São Paulo

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise do podcast Memórias Quebradas, produzido pelo Centro de Memória das Lutas Populares Ana Dias. Atuante na Zona Sul de São Paulo desde 2019, o Centro Ana Dias visa mostrar que seu território não tem só uma larga história de violência, mas também de agência e luta. Com sustentação em críticas recentes à centralidade do “paradigma traumático” nas culturas da memória, apresento como os produtores do podcast comunicam memórias de lutas sociais como forma de reconhecer a dignidade e o lugar de seu território na história.

PALAVRAS-CHAVE

Memória social; movimentos sociais; podcast; luta por memória; violência.

1 INTRODUÇÃO

Em 1996, o distrito Jardim Ângela, na periferia da Zona Sul de São Paulo, tornou-se conhecido como a região urbana mais perigosa do mundo, com 120 homicídios para cada 100 mil habitantes segundo dados divulgados pelas Nações Unidas. No mesmo ano, ativistas e organizações de luta e garantia dos direitos humanos fundaram o Fórum em Defesa da Vida com o objetivo de criar uma "rede de proteção contra a violência" (CROWE et al., 2016). A iniciativa segue uma longa tradição de movimentos sociais no território desde o início da década de 1970 com as Comunidades Eclesiais de Base.

Através da atividade continuada do Fórum ao longo de muitos anos e com a sua articulação por muitas frentes, com servidores públicos, pesquisadores, professores e novas gerações de ativistas, foi criado em 2019 o Centro de Memória das Lutas Populares Ana Dias, com o objetivo de unificar esforços de pesquisa e produção da memória de lutas sociais no território. Uma razão central para a fundação do Centro Ana Dias é a percepção de que, para enfrentar o estigma de violência imposto ao território e seus residentes desde os anos 1990, seria necessário ampliar e difundir as memórias das lutas populares. Seria assim uma maneira de mostrar que o território não tem só uma larga história de violência, mas também de agência e luta.

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

Em minha pesquisa de doutorado (PAMPLONA, 2025) apresentei as trajetórias que levaram à formação do Centro Ana Dias e à produção do podcast Memórias Quebradas, seu produto de maior repercussão até hoje. Neste trabalho, estendo a análise da pesquisa sobre as estratégias empregadas pelos produtores do podcast para combater o estigma de violência. Memórias Quebradas foi produzido, gravado e editado por três estudantes universitários bolsistas nascidos na Zona Sul. Apesar do caráter amador do podcast, ele representa uma expansão significativa do trabalho de memória no território e demonstra a eficácia da mídia como forma de, como recomenda Ann Rigney (2018), reconstruir a memória social “para além do traumático”.

2 METODOLOGIA

Esta apresentação decorre de uma pesquisa-ação participativa (FALS BORDA, 1985) com uma conjunção de ferramentas de análise: observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos históricos e de produções culturais midiáticas. No caso do que será apresentado adiante, trata-se de uma análise de conteúdo da primeira temporada do podcast Memórias Quebradas (CENTRO ANA DIAS, 2021). Buscarei apresentar o que os produtores–pesquisadores do podcast – Rafael Lucas Leonel, Saulo Vilanova e Vitória Viana – expressam como o objetivo de sua pesquisa e como eles e ela buscaram cumprir seus objetivos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Em primeiro lugar, a pesquisa se fundamenta nos estudos da memória social, com base em críticas recentes sobre a centralidade do “paradigma traumático” nas culturas da memória em todo o mundo (TRAVERSO, 2012; RIGNEY, 2018), articuladas a críticas sobre o vício de se pensar nas contradições da memória social (os abusos da memória, o esquecimento, as “repetições” do passado etc.) pela chave da psicanálise (DAVID, 2020; KANSTEINER, 2002) e, por fim, sobre as relações entre memória e ativismo como uma possível chave para a superação do paradigma traumático (RIGNEY, 2018). Em segundo lugar, busquei um diálogo dessas referências com a pedagogia crítica de Paulo Freire (2018) e com a psicologia social de Antônio Ciampa (1987) sobre as “metamorfoses” e “não-metamorfoses” da identidade, que transpôs a uma discussão sobre as metamorfoses da memória, isto é, a como os sentidos atribuídos ao passado mudam (ou como às vezes parecem tornar-se fixas) de acordo com cada realidade presente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo dos pesquisadores–produtores do podcast torna-se claro desde a abertura do episódio *Teaser*. Lucas Leonel observa, a respeito do território da Zona Sul: “Coisas que a gente acha, às vezes, que foram dadas pra gente, como escolas, hospitais, creches, transporte, cultura, educação,

saúde e lazer, no geral, mas na verdade elas foram conquistadas por pessoas aqui dos nossos próprios bairros, lutando em unidade, em movimentos, em coletivos, em organizações, pra gente fazer das nossas quebradas um lugar melhor”. Trata-se, ao longo de todos os episódios, de comunicar um olhar histórico sobre o território com atenção e orgulho sobre a agência do povo. No episódio 07, *Movimentos culturais da região – parte 2*, por exemplo, Saulo Vilanova comenta que o Sarau da Cooperifa e o Sarau do Binho “são dois dos saraus mais conhecidos que a gente tem no Brasil, tá ligado, e que são aqui da nossa quebrada”. No episódio 10, o último da primeira temporada, Vitória Viana relembra as lutas de Ana Dias, uma militante história do território que na década de 1970 atuou nas Comunidades Eclesiais de Base, no Movimento do Custo de Vida, e que até hoje é uma militante de luta por memória e direitos humanos: “Ana e a sua história, até hoje, continua sendo referência na luta por uma cidade menos opressora e desigual. E parça. Mano. Ela é da nossa quebrada. Que orgulho.”

Não se trata, de forma alguma, de uma leitura ingenuamente otimista sobre a história do território, pois as memórias de lutas sociais do passado são entrelaçadas às memórias da violência. O episódio 01 começa com Saulo e Lucas compartilhando suas próprias memórias pessoais sobre o “salve geral” do Primeiro Comando da Capital em 2006 para mostrar como suas experiências pessoais articulam-se a uma história ampla. Trata-se, pois, de articular presente com passado, o local com o nacional e internacional, como Lucas dirá em um evento público do Museu das Favelas, ao qual o Centro Ana Dias foi convidado: “Esse é nosso primeiro momento de pesquisa, ele parte muito da gente, da nossa própria história e como é que a gente comunica isso com a memória de um bairro, e como é que a gente comunica isso com uma conjuntura nacional, uma conjuntura latino-americana, uma conjuntura de mundo” (PAMPLONA, 2025, p. 325).

Da mesma forma, também não se trata de uma leitura otimista sobre as culturas da memória. Ao longo do podcast, Lucas, Saulo e Vitória apresentam críticas sobre a desigual distribuição de recursos na produção e reprodução das narrativas sobre o passado. São apresentados diversos exemplos, desde a perseguição e criminalização de culturas e religiões de matriz africana até a instituição de monumentos, currículos escolares, feriados e “heróis da pátria”. Os produtores–pesquisadores narram sobre o território onde nasceram como um território também “digno” de memória, a despeito das forças dominantes que buscam encerrá-lo em um estado fixo e ahistórico (CIAMPA, 1987).

Num processo semelhante ao do método freiriano de educação popular, e seu “desencadeamento crítico” entre “temas significativos” (FREIRE, 2018), as memórias do podcast Memórias Quebradas transitam das lutas sociais na periferia sul de São Paulo às lutas em outros lugares e países, transitam do colonialismo brasileiro ao angolano, transitam entre as ditaduras latino-americanas e entre diversos outros tempos e espaços, acumulando-se assim como uma constelação de referências

(BENJAMIN, 2019), mas sempre retornando à realidade presente da população periférica local: seu território, desde o asfalto de suas ruas até seus serviços públicos e espaços de cultura, agora situados como parte da história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na educação libertadora é “indispensável” que as pessoas “se descubram como Pedro, Antônio, como Josefa, com toda a significação profunda que tem essa descoberta” (FREIRE, 2018, p. 238). “Para uma memória libertadora, é indispensável que se descubram agentes da história” (PAMPLONA, 2025, p. 384). O podcast Memórias Quebradas apresenta caminhos de contestação das narrativas dominantes que buscam encerrar territórios e populações periféricas em uma imagem fixa e estigmatizada. Abre assim caminhos para a reconstrução das culturas da memória no país, para além do paradigma traumático, em vistas de uma memória orientada à transformação social.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BARRENTO, J. (Org.). **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7-20.

CENTRO ANA DIAS. **Memórias Quebradas - primeira temporada**. Anchor.fm, 2021.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: Um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CROWE, Jaime; MARIA, L.; SIMÕES, Celina; TAVANTI, Roberth. Fórum em defesa da vida: 20 anos de resistência pela vida dos/as jovens que vivem nas periferias da Zona Sul de São Paulo. In: **Estação de Pesquisa M'boi - Working Papers**, n. 09. São Paulo: FGV/EAESP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/9f061f78-7b82-4547-bfce-052aedfd49b0>. Acesso: 16 maio 2024.

DAVID, Lea. The emergence of the ‘Dealing with the past’ agenda: sociological thoughts on its negative impact on the ground. In: **Modern Languages Open**, v. 1, n. 19, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3828/mlo.v0i0.321>. Acesso: 24 nov. 2024.

FALS BORDA, Orlando. **Conocimiento y poder popular: lecciones con campesinos de Nicaragua, Mexico, Colombia**. Bogotá: Punta de Lanza, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

KANSTEINER, Wulf. Finding meaning in memory: A methodological critique of collective memory studies. In: **History and Theory**, v. 41, p. 179-197, maio 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/0018-2656.00198>. Acesso: 24 nov. 2024.

PAMPLONA, Pablo. **Metamorfoses e teimosias da memória: Um estudo de trabalhos de memória em lutas sociais**. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

RIGNEY, Ann. Remembering Hope: Transnational activism beyond the traumatic. In: **Memory Studies**, v. 11, n. 3, p. 368-380, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750698018771869>. Acesso: 25 nov. 2024.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: História, memória e política**. Lisboa: Unipop, 2012.